

1. Objetivo

O objetivo deste trabalho é buscar resultados, através da aplicação da proposta em cães, mantidos em abrigo coletivo, com o uso da medicina complementar, utilizando a fitoterapia, para o tratamento de problemas comportamentais, buscando manter o adequado bem-estar dos animais em questão.

Com a aplicação da futura proposta, será possível permitir a mensuração da análise dos parâmetros comportamentais, com bases científicas trazendo o animal ao equilíbrio, no grupo o qual ele pertence.

2. Material e método

Serão avaliados animais, segundo relatos do tratador, estiverem com problemas de comportamentais, como a hiperatividade, manifestação, de um alto grau de energia, demonstrando grande ansiedade frente a um estímulo ambiental, visual ou auditivo e animais em hipoatividade ou depressão, demonstrando sinais como medos em geral e ansiedade.

Os animais serão divididos em dois grupos, contendo cinquenta animais cada um. O Grupo A (animais hiperativos) e Grupo B (animais hipoativos), sendo vinte e cinco animais de ambos os sexos e cada um destes grupos (A e B), serão subdivididos em dois subgrupos (Grupo 1 e grupo 2), onde um receberá tratamento um com *Rescue Remedy* (Grupo 1) e outro com placebo (Grupo 2).

Os técnicos envolvidos na administração do produto, não terão conhecimento de qual frasco é o da essência fitoterápica (*Rescue Remedy*), nem de qual é o frasco contendo placebo, para não interferir nos resultados, realizando então o estudo duplo cego.

O produto será administrado na água de beber, onde cada grupo receberá uma dose padrão de quatro gotas. A pesquisa terá duração de trinta dias, com avaliação dos resultados no 15º dia e após quinze dias da primeira avaliação será feita outra análise e através da avaliação dos parâmetros comportamentais, será possível obter um resultado. Os dados serão descritos em tabelas de avaliação (Tabela 1 e 2), comparando o estado do animal antes e depois do tratamento.

3. Revisão de Literatura

3.1 História da terapia

A terapia com florais vem sendo utilizada na medicina humana, bem como na medicina animal, há muito tempo. Essa terapia teve início há muito tempo onde os animais buscavam plantas na natureza para tratarem de problemas estomacais e isso já acontecia, antes mesmo da existência do homem. Culturas como Lemúria, também conhecido como Mu, no século XIX, Atlântida, datada segundo estudos, 100.000 anos a.C, já utilizavam dessa terapia para curas (MÁXIMO, 2008). No Egito 3.200 anos a.C e na mesopotâmia onde surgiram as primeiras escolas com a elaboração de tratados e códigos da conduta, bem como na Grécia por volta do século V a.C., já haviam templos destinados à esta terapia. Em Roma, em meados de 164 anos a.C., foi estabelecida a “doença” como algo vindo do organismo, que foi confirmado por de estudos feito através do corpo humano (TEIXEIRA, 2001). Na época de Jesus Cristo, por exemplo, a essência floral também era utilizada para curas (MÁXIMO, 2008) e as plantas eram usadas como anti-sépticos, tônicos, anti-espasmódicos, analgésicos, anti-inflamatórios, anticoncepcionais, abortivos e para promover a fertilidade e o nascimento (STEIN, 1998).

A partir do ano de 1930, o doutor Edward Bach, bacteriologista, imunologista e também médico homeopata, começou a se dedicar integralmente, a sua pesquisa pela cura através das flores (FOLLAIN, 2008). Dr. Bach é considerado um grande terapeuta floral e descobriu trinta e oito flores que compõe o repertório dos Florais de Bach e o *Rescue Remedy* que também é composto por cinco destas trinta e oito flores. Segundo ele, estas flores alcançam todos os pontos negativos que poderiam resultar em problemas, não sendo necessário, descobrir mais flores. Atualmente, o *Bach Center*, localizado em Mount Vernon, preserva a elaboração destas tinturas-mãe (SPADA, 2009).

3.2 Princípios da terapia com florais

Segundo a literatura, a terapia com floral segue alguns princípios semelhantes à homeopatia, ou seja, ambas utilizam a medicina vibracional (TLACH, 2008). A ressonância vibratória está baseada nas energias que vibram em uma determinada frequência e amplitude e tratam não somente da cura do corpo físico, mas também do campo energético, buscando um equilíbrio entre corpo, mente, emoção e espírito, reorganizando assim, desequilíbrios que possam levar ao aparecimento de doenças. Segundo escrito deixado pelo Dr. Bach, a doença aparecerá quando houver uma distorção no comprimento destas onda, no campo energético do corpo, ficando mais lento e exercendo efeitos negativos no estado mental. Estes efeitos levam o corpo, a vitalidade, à exaustão ou, a vulnerabilidade a doenças (FOLLAIN, 2008). Em humanos, esse desequilíbrio pode levar a uma queda da resistência, e conseqüentemente o aparecimento de doenças físicas (PINTO, 2008).

As terapias vibracionais possuem efeitos positivos nos animais. Na homeopatia, os medicamentos utilizados são preparados através da diluição e agitação excessiva, liberando substâncias e a energia vibracional. Tanto para

os homeopatas quanto os terapeutas que utilizam flores essa energia é encontrada em todos os seres vivos e a cura é obtida através do poder energético dos medicamentos, vindos do reino vegetal, animal e mineral (FOLLAIN, 2008).

Um dos objetivos desta terapia é o equilíbrio das emoções do paciente, procurando a diminuição ou a eliminação de sentimentos como estresse, depressão, pânico, solidão, tristeza, agressividade ou ciúme (TLACH, 2008). É uma medicina complementar e por ser um tratamento menos agressivo, muitos proprietários buscam a cura para diversos males (GRAHAN, *et. al*, 1999). Podem ser utilizados juntamente com medicações alopáticas, pois não alteram seus efeitos (PINTO, 2008).

Tanto o animal quanto seus proprietários devem ser tratados com o fármaco (PINTO, 2008), o comportamento animal é refletido pelo ambiente humano, as atitudes e as ações de seus donos. Estes reflexos podem ser tanto positivos quanto negativos, por isso a importância do tratamento em conjunto.

3.3 O auxílio da terapia para os animais

Atualmente médicos veterinários estão buscando este tratamento em cães, gatos, bovinos, equinos, suínos, aves, peixes, abelhas, animais silvestres e selvagens (MARQUES, 2008). Os tratamentos utilizados não são somente para problemas comportamentais como agressividade e ansiedade de separação (PINTO, 2008), mas também problemas sistêmicos como acidez gástrica, pseudociese, problemas alérgicos e afecções bucais (MARQUES, 2008). Por serem produtos naturais e não tóxicos, seus efeitos colaterais são menores, diferente das possíveis complicações ligadas ao uso de

medicamentos contínuos como vistos em uso de drogas alopatas (GRAHAN e

VLAMIS, 1999).

4 Tipo de florais

Há vários tipos de florais, dentre eles, os florais da Califórnia, Australiano, o do Alaska, o Floral Francês, o do Deserto, o Floral Aloha, os Florais da Holanda, do Himalaia, do Amazonas, entre outros. No Brasil, há os Florais de Minas, os Florais Brasileiros, o Floral de Sant Germain, os das Filhas de Gaia, os do Agreste, da Mata Atlântica, do Arco-íris, de Agnes, os florais da Mantiqueira entre outros, o que determinará o tipo de floral são as flores encontradas em cada região. Entretanto, os florais mais conhecidos e utilizados, são os de Bach (NAIFF, 1999).

5 Estágios da preparação das essências

Dos estágios de preparação para as essências florais, há três etapas: preparação da tintura mãe, preparação do frasco de estoque e preparação do frasco diluído (ANDRADE, 2009).

A preparação da tintura mãe tem início com a colheita das flores, por volta das oito horas da manhã e que, de preferência, não tenha contato direto com as mãos. Após a colheita os métodos utilizados na extração da tintura mãe são: o solar ou a fervura da flor. Para cada espécie de flor, haverá um método específico, que dependerá da rigidez da flor (pétala ou arbusto) (TLACH, 2008).

No método solar (*Sun Method*) em geral, as flores encontradas estão no florestamento (estações da primavera e verão). São elas: *Agrimony, Centaury, Cerato, Chicory, Clematis, Gentian, Gorse, Heather, Impatiens,*

Mimulus, Oak, Olive, Rock Rose, Scleranthus, Will Oat, Vervain, Vine, Water, Violet, White Chestnut e Rock Water (TLACH, 2008). Neste método, as flores são colhidas quando o sol está forte e quente, pois haverá liberação de oxigênio (pico de fotossíntese). São colocadas em recipiente limpo de vidro transparente, coberta com água mineral e colocada ao sol por aproximadamente três horas (PINTO, 2008). A desvantagem deste método é que em dias nublados, podem atrapalhar o processo, devido a falta dos raios solares (TLACH, 2008).

No método de fervura, também conhecido como *Boiling Method*, os brotos de árvores, arbustos, plantas e flores de dezoito espécies, que em geral florescem do outono ao inverno, devem ser fervidas em panela de inox ou vidro por aproximadamente trinta minutos. Depois de resfriada, a água é coada e colocada em uma garrafa contendo cinquenta por cento de *brandy* de uva (conhaque) e a mesma medida da solução coada, dando origem à tintura mãe. Para a fervura podem ser utilizadas as seguintes flores: *Cherry Plum, Elm, Aspen, Beech, Chestnut Bud, Hornbeam, Larch, Walnut, Star of Bethlehem, Holly, Crab Apple, Willow, Pine, Mustard, Red Chestnut, Honeysuckle, Sweet Chestnut, Wild Rose* (TLACH, 2008).

A preparação de frasco para estocagem da substância ocorrerá após a adição do *brandy* de uva (conhaque), que servirá como conservante da solução ou após a adição de vinagre de maçã para animais que não toleram o álcool ou possuam diabetes (TLACH, 2008). Os frascos diluídos contêm cerca de setenta por cento de água mineral e trinta por cento do *brandy* de uva em estações mais quentes ou oitenta por cento de água mineral e vinte por cento de *brandy* em estações do ano menos quentes. No caso do vinagre de maçã, é utilizado quinze por cento da solução com água mineral. Caso o animal tenha intolerância ao vinagre de maçã, a glicerina também poderá ser utilizada a cinco por cento na solução de água. Os frascos

deverão ser esterilizados, na cor âmbar com bulbo de látex e cânula de vidro (TLACH, 2008).

6 Lista das essências florais e suas aplicações, segundo Dr. Edward Bach

A lista das essências florais é composta por trinta e oito flores. Este número foi determinado pelo Dr. Bach (1973, citado por HOWARD, 1990).

Segue abaixo a relação das flores e suas aplicações para os animais. (Lista adaptada e resumida nas Tabelas 8 e 9).

6.1.1 Agrimony, Agrimonia eupatoria, (nome popular:

agrimônia, morador do campo, campanário de igreja) É indicado para tratar animais em sofrimento físico, que leva o animal a dor ou aflições mentais ou físicas, devolvendo sua saúde (GRAHAN E VLAMIS, 1999). Indicado para animais que não conseguem relaxar (HOWARD, 1990). Segundo Follain (2008), este floral é indicado para tratar animais que aparentemente não demonstram nenhum sinal anormal, exceto pelo olhar ansioso ou para animais que nunca demonstram sinais de angústia, mesmo quando é evidente que estejam sofrendo. Este floral, no sistema de Bach, é visto como um ansiolítico, retirando a angústia, agressividade, sentimento de solidão (PASTORINO, 1992). Segundo Paulon (1991) a agrimônia é indicada também para medos físicos ou medo de ficar só. Em seu livro, a autora relata que os movimentos em desequilíbrio são o fogo, metal e a madeira alterando, portanto, o coração, pulmão e fígado, levando ao desequilíbrio em coração e intestino delgado,

pulmão e intestino grosso, fígado e vesícula biliar. Os horários mais indicados para a utilização desde floral é das onze às quinze horas, das três às sete horas e das vinte e três as três horas, pois para a autora são os horários nobres, ou seja, horário onde este floral irá ter uma maior eficácia, por ter uma melhor metabolização no organismo do animal. Floresce de junho a agosto (verão) e o método mais indicado para a preparação do floral é o método solar (PARONI e PANONI, 2003).

6.1.2 Aspen, *Populus tremula*, (nome popular: faia negra ou choupo tremedor), trata o medo e a apreensão de causas desconhecidas, bem como ansiedade, nervosismo, suor, micção, levando o animal à coragem (GRAHAN e VLAMIS, 1999). O medo em questão é em forma de apreensão, pavor de algo desconhecido (PASTORINO, 1992). Os movimentos em desequilíbrio são a água e o fogo, refletindo nos rins e bexiga, coração e intestino delgado. Sua melhor atuação no organismo, conforme a medicina chinesa, se dá das quinze horas as dezenove e das onze horas as quinze (PAULON, 1991). Sua indicação é para o método da fervura, pois ela começa a florescer no início da primavera e vai até março, abril (PARONI e PARONI, 2003).

6.1.3 Beech, *Fagus sylvatica*, (nome popular: faia ordinária) Indicado para animais intolerantes, irritados (GRAHAN e VLAMIS, 1999) e de temperamento forte (PASTORINO, 1992). Os movimentos em desequilíbrio são a água, a terra e o metal, correspondendo aos meridianos dos rins e bexiga (água), baço, pâncreas e estômago (terra) e pulmão e intestino grosso

(metal). Seu horário de melhor atuação é das quinze às dezenove horas, das sete às onze horas ou das três às sete horas (PAULON, 1991). Sua floração acontece de abril a maio e o método para a preparação do floral é o da fervura (PARONI e PARONI, 2003).

6.1.4 Centaury, *Centaurium umbellatum*, (nome popular: centáurea da Europa), trata animais submissos, levando o animal à firmeza, individualidade e capacidade de resistência (GRAHAN e VLAMIS, 1999). Segundo Follain (2009), este floral é indicado para tratar animais inseguros, com ansiedade de agradar seus proprietários e que seguem seu dono o tempo todo, lambendo-o constantemente e recusando-se a deixá-lo sozinho ou para animais que andam de cabeça baixa, evitam o contato visual com os outros animais e mantêm as orelhas abaixadas e próximas à cabeça, andam rentes ao chão e viram de costas mostrando a barriga, indicando postura submissa. Como a energia está debilitada, o floral é indicado também para animais convalescentes (PASTORINO, 1992). Os movimentos desequilibrados são o fogo e a água, levando a alterações dos meridianos que correspondem ao coração e intestino delgado, rim e bexiga. Os horários para uma melhor metabolização pelo organismo do animal se dão das onze às quinze horas e das quinze às dezenove horas (PAULON, 1991). Sua floração ocorre de junho a setembro (verão) e o método mais indicado para a preparação do floral é o solar (PARONI e PARONI, 2003).

6.1.5 Cerato, *Ceratostigma willmottiana*, (nome popular:

cerato), trata a falta de segurança e confiança, a falta de iniciativa, o desejo de aprovação pelo grupo e comportamentos imitativos, trazendo ao animal segurança, iniciativa e autoconfiança (GRAHAN e VLAMIS, 1999). Envolve o desequilíbrio dos movimentos como a terra, água e metal, levando a alterações nos meridianos correspondem como o baço, pâncreas e estômago, rim e bexiga, pulmão e intestino grosso. Os horários de melhor atuação são das sete às onze horas, das quinze às dezenove horas e das três às sete horas (PAULON, 1991). Esta flor é um arbusto originário do Himalaia, no Tibet. Sua floração se dá de agosto a setembro e o método de preparação mais indicado é o solar (PARONI e PARONI, 2003).

6.1.6 Cherry Plum, Prunus cerasifera, (nome popular: cerejeira, ameixeira da Pérsia), esta flor é indicada para tratar comportamentos incontroláveis, animais com compulsividade, restituindo à calma e o controle (GRAHAN e VLAMIS, 1999). Os animais em estado de depressão, ansiedade ou falta de controle emocional são aqueles que terão indicação de uso do floral que contenha esta planta (HOWARD, 1990). É um floral que compõe o *Rescue Remedy* (PASTORINO, 1992). Os movimentos em desequilíbrio são a água, madeira e terra, alterando os rins e bexiga, fígado, vesícula biliar e baço, pâncreas e estômago. Os horários de maior indicação são das quinze horas as dezenove, das vinte e três horas as três e das sete às onze horas (PAULON, 1991). Como sua floração ocorre entre fevereiro a abril, época de sol fraco, o método mais utilizado é o de fervura (PARONI e PARONI, 2003).

6.1.7 Chestnut Bud, Aesculus hippocastanum, (nome

popular: castanheira, broto de castanheiro da Índia), trata as dificuldades de aprendizado, a repetição dos mesmos erros e comportamentos repetitivos, levando o animal a dificuldade de aprender (GRAHAN e VLAMIS, 1999). Equilibra os movimentos que envolvem o fogo e a terra, restaurando coração, intestino delgado e baço, pâncreas e estômago. Os horários mais indicados são das onze horas as quinze e das sete às onze horas (PAULON, 1991). O *Chestnut Bud* é o botão da árvore do *White Chestnut*, sua floração se dá de abril a maio e a preparação mais indicada é através do método de fervura (PARONI e PARONI, 2003).

6.1.8 Chicory, *Chicorium intybus*, (nome popular: chicória), trata animais com possessividade, hábito de não sair de perto do proprietário e necessidade de chamar a atenção. Este floral restitui o instinto normal de proteção e zelo (GRAHAN e VLAMIS, 1999). Segundo relatos encontrados feitos pelo Dr. Bach, a droga preparada com esta flor auxilia no controle de posse não só de “proprietários” mais também de brinquedos (BACH, citado por HOWARD, 1990). Para Paulon (1991), os movimentos em desequilíbrio são a água, o fogo e o metal, correspondendo, portanto, aos meridianos do rim e bexiga (água), coração e intestino delgado (fígado) e pulmão e intestino grosso (metal). Os horários de maior eficácia são das quinze às dezenove horas, das onze às quinze horas e das três às sete horas. Sua floração se dá entre julho a setembro e o método mais indicado para a preparação do floral é o solar (PARONI e PARONI, 2003).

6.1.9 Clematis, *Clematis vitalba*, (nome popular: clematite,

vinha branca, barba de velho, alegria do viajante), trata a falta de atenção e o desinteresse pelas circunstâncias presentes, levando o animal à prontidão e concentração (GRAHAN e VLAMIS, 1999). Este floral também é encontrado no *Rescue Remedy* (HOWARD, 1990). Os movimentos em desarmonia são o fogo, alterando o meridiano correspondente o coração e intestino delgado, e a água, alterando o rim e a bexiga. Os horários mais indicados para a utilização deste floral seriam das onze horas as quinze e das quinze às dezenove horas (PAULON, 1991). Clematis é um arbusto trepadeira que se fixa no alto de outros arbustos. Sua floração se dá de julho a setembro e a preparação ideal para este floral é através do método solar (PARONI e PARONI, 2003).

6.1.10 Crab Apple, *Malus pumila*, (nome popular: macieira silvestre, maçãzinha silvestre), trata infecções, envenenamento (GRAHAN e VLAMIS, 1999). É um floral de limpeza, retirando a doença (HOWARD, 1992). Segundo descrito por Pastorino, (1992), este floral é considerado um antibiótico, pois pode ser utilizado tanto em infecções locais como generalizadas, eliminando, assim, toxinas. Indicado também para problemas de pele, eczemas, alergias e verrugas, restabelecendo os movimentos como metal, água, fogo e terra. Restaurando, portanto, os meridianos correspondentes como pulmão e intestino grosso, rim e bexiga, coração e intestino delgado e baço, pâncreas e estômago. Os horários mais apropriados para sua utilização são das três às sete horas, das quinze às dezenove horas, das onze às quinze horas e das sete às onze horas (PAULON, 1991). Sua floração ocorre no mês de maio e o método mais indicado para a preparação do floral é através

da fervura (PARONI e PARONI, 2003).

6.1.11 *Elm, Ulmus procera*, (nome popular: olmo), este floral traz tranquilidade à mente, restaurando a segurança perdida (HOWARD, 1992). Indicado também para dores físicas. Restabelece os movimentos em desequilíbrio como o metal, a água e o fogo. Atuando nos meridianos correspondentes como o pulmão e intestino grosso, rim e bexiga e coração e intestino delgado. Seus horários de maior eficácia são das três horas até as sete, das quinze às dezenove horas e das onze às quinze horas (PAULON, 1991). A madeira deste floral é utilizada para a confecção de navios, devido à sua dureza, resistência. Dependendo do clima, sua floração se dá entre fevereiro a abril e a preparação mais indicada para o floral é através do método de fervura (PARONI e PARONI, 2003).

6.1.12 *Gentian, Gentiana amarella*, (nome popular: genciana, genciana amarga), trata o desânimo, a melancolia, a fraqueza após uma infecção e a falta de interesse por alimento, trazendo o animal à perseverança e normofagia (GRAHAN e VLAMIS, 1999). Indicado para depressões, doenças crônicas e convalescência (PASTORINO, 1992). Reequilibram os movimentos como água e terra, e seus meridianos correspondentes como rim e bexiga, baço, pâncreas e estômago. Os horários mais indicados para se ter uma melhor atuação do floral são das quinze às dezenove horas ou das sete às onze horas (PAULON, 1991). Esta flor é típica de lugares altos, como topos de montanhas. Sua floração se dá de agosto a outubro e a indicação para a preparação do floral é o método solar (PARONI e PARONI, 2003).

6.1.13 *Gorse, Ulex europaeus*, (nome popular: urze, tojo), trata melancolia e desesperança absoluta, trazendo ao animal a perseverança, resistência e vitalidade (GRAHAN e VLAMIS, 1999). Segundo a literatura, este floral é indicado para início de tratamento de doenças crônicas (PASTORINO, 1992). Os movimentos envolvidos em desequilíbrio são a água e a terra, alterando seus meridianos correspondentes como o rim e bexiga, baço, pâncreas e estômago. Sua melhor eficácia se dá das quinze horas as dezenove e das sete às onze horas (PAULON, 1991). Suporta inverno, frio e neve. Sua floração se dá entre abril e maio e a preparação mais indicada é o método solar (PARONI e PARONI, 2003).

6.1.14 *Heather, Calluna vulgaris*, (nome popular: erica), indicado para animais que fazem barulho para chamar a atenção ou por sentirem solidão, trazendo calma e domínio de si (GRAHAN e VLAMIS, 1999). Encontra-se em desequilíbrio os elementos madeira e fogo, alterando os meridianos como fígado e vesícula biliar, coração e intestino delgado. Sua melhor eficácia ocorre das vinte e três horas às três horas e das onze às quinze horas (PAULON, 1991). Sua floração se dá de julho a setembro (verão), sendo mais indicada, a preparação do floral através do método solar (PARONI e PARONI, 2003).

6.1.15 *Holly, Ilex aquifolium*, (nome popular: azevinho, azevinha), indicado para animais desconfiados, ou seja, em estado de alerta. Ele restitui a tolerância (GRAHAN e VLAMIS, 1999). Estão em desequilíbrio os elementos como fogo, madeira e terra, alterando seus meridianos como coração e

intestino delgado (fogo), fígado e vesícula biliar (madeira), baço, pâncreas e estômago (terra). Atuam melhor das onze às quinze horas, das vinte e três as três horas ou das sete às onze horas (PAULON, 1991). Sua floração ocorre entre maio a junho e o método para preparação do floral mais indicado é o da fervura (PARONI e PARONI, 2003).

6.1.16 *Honeysuckle, Lonicera caprifolium*, (nome popular: madressilva, madressilva dos jardins), para animais com dificuldade em se adaptarem a novas circunstâncias, por exemplo, mudança de casa (GRAHAN e VLAMIS, 1999). Os movimentos encontrados em desequilíbrio são a terra, o fogo e a água, alterando os meridianos correspondentes como baço, pâncreas e o estômago, coração e intestino delgado, rim e bexiga. Os horários de maior efeito deste floral são: das sete às onze horas, das onze às quinze horas e das quinze às dezenove horas (PAULON, 1991). Sua floração se dá de junho a agosto e a preparação mais indicada é através do método de fervura (PARONI e PARONI, 2003).

6.1.17 *Hornebeam, Carpinus betulus*, (nome popular: carpa), trata a fraqueza, incapacidade de fazer qualquer atividade devido ao cansaço ou fadiga, trazendo ao animal a vitalidade (GRAHAN e VLAMIS, 1999). Também é um excelente floral para convalescentes (PASTORINO, 1992). Segundo Paulon (1991), os movimentos em desequilíbrio são a água e a terra, e seus meridianos correspondentes levam a alterações nos rins e bexiga (água), baço, pâncreas e estômago (terra). Os horários mais indicados para sua utilização são das quinze horas as dezenove e das sete às onze horas. O floral

provém de uma árvore muito forte, resistente e grande. Sua altura vai de quinze a trinta metros, segundo relatado por Paroni (2003). Sua floração se dá entre abril a maio e a preparação mais indicada para a obtenção do floral é através da fervura.

6.1.18 *Impatiens*, *Impatiens glandulifera*, (nome popular: beijinho, beijo), por esta flor abrir seu botão de forma brusca e expelir pedaços de cápsula que reveste a flor a certa distância, dando à planta a personalidade de impulso, urgência, ritmo acelerado (PASTORINO, 1992). Esta flor trata a impaciência, a irritabilidade e a falta de cooperação, restituindo a paciência, a calma, e promove a cooperação do animal no grupo onde ele se encontra (GRAHAN e VLAMIS, 1999). Estes sinais comportamentais podem levar a insônia, problemas digestórios ou contrações musculares. Esta flor também compõe o *Rescue Remedy*, por sua propriedade de relaxamento de tensões (PASTORINO, 1992). Este floral traz efeitos tranquilizantes, trazendo novamente a estabilidade do animal (HOWARD, 1992). O fogo, a madeira e a terra são os movimentos que se encontram em desequilíbrio, refletindo, portanto, os meridianos correspondentes como coração e intestino delgado (fogo), fígado e vesícula biliar (madeira) e pâncreas, baço e estômago (terra). Os horários considerados “nobres” são das onze às quinze horas, das vinte e três as três horas e das sete às onze horas (PAULON, 1991). Sua floração se dá de julho a setembro e o método solar é o mais indicado para a preparação do floral (PARONI e PARONI, 2003).

6.1.19 *Larch*, *Larix decidua* (nome popular: larix), trata a perda

de confiança, hesitação e medo, restaurando a confiança (GRAHAN e VLAMIS, 1999). Os movimentos em desequilíbrio são o fogo, alterando o meridiano correspondente (coração e intestino delgado), a água (rim e bexiga) e a terra (pâncreas, baço e estômago). Os horários mais indicados para a utilização deste floral são das onze às quinze horas, das quinze às dezenove horas e das sete às onze horas (PAULON, 1991). Sua floração ocorre de abril a maio e o método mais indicado para a preparação deste floral é a fervura (PARONI e PARONI, 2003).

6.1.20 *Mimulus*, *Mimulus guttatus*, (nome popular: mimulus, berro), trata animais com medo das coisas conhecidas, timidez e acanhamento, restaurando a coragem (GRAHAN e VLAMIS, 1999). O medo aqui descrito não é semelhante ao medo descrito no floral *Rock Rose*, pois este aparece em situações mais comuns do dia a dia (PASTORINO, 1992). Segundo Paulon (1991), os movimentos em desequilíbrio são a água e o fogo, alterando, portanto, os meridianos do rim e da bexiga, do coração e do intestino delgado. Os horários mais indicados para se ter uma melhor resposta são das quinze às dezenove horas e das onze às quinze horas. Segundo relatos, foi a primeira flor descoberta pelo Dr. Bach, com fins medicinais, por volta de 1928. Sua floração se dá de julho a agosto e a preparação mais indicada para a obtenção do floral é através o método solar (PARONI e PARONI, 2003).

6.1.21 *Mustard*, *Sinapis arvensis*, (nome popular: mostarda, mostarda selvagem), trata depressão sem causa aparente, restituindo serenidade e acabando com a melancolia (tristeza)

(GRAHAN e VLAMIS, 1999). A *Mustard* está indicada para tratar depressões profundas, mas deve ser diferenciada do floral *Gentian*, pois como já foi dito, o *Gentian* trata causas conhecidas (PASTORINO, 1992). Em desequilíbrio encontram-se o fogo, a água e a terra, correspondendo aos meridianos como coração e intestino delgado, rim e bexiga, baço, pâncreas e estômago. Seus horários de melhor ação são das onze às quinze horas, das quinze às dezenove horas e das sete às onze horas (PAULON, 1991) Sua floração é entre os meses de maio a junho e o método mais indicado para a preparação do floral é através da fervura (PARONI e PARONI, 2003).

6.1.22 *Oak, Quercus robur*, (nome popular: carvalho, carvalho da Europa), trata a inflexibilidade, a força do animal frente a situações de dor ou sofrimento. De certa forma, trata animais fortes e corajosos. O floral traz a capacidade de resiliência (capacidade de superar problemas), robustez, força e vigor (GRAHAN e VLAMIS, 1999). A água, o fogo e o metal, são os movimentos relacionados que estão em desequilíbrio, correspondendo aos meridianos como rim e bexiga, coração e intestino delgado, pulmão e intestino grosso. Sua eficácia se faz das quinze às dezenove horas, das onze às quinze horas ou das três às sete horas (PAULON, 1991). Sua floração ocorre de abril a maio e o método solar é o mais indicado para a preparação do floral (PARONI e PARONI, 2003).

6.1.23 *Olive, Olea europea*, (nome popular: oliveira), trata exaustão física (GRAHAN e VLAMIS, 1999). Este cansaço mencionado é diferente do cansaço descrito no floral *Hornbeam*, pois neste é a fadiga mental, no *Olive* é exaustão

por esforço, excesso de trabalho, exercício físico (HOWARD, 1992). Os movimentos que estão em desequilíbrio são a água, o fogo, o metal e a terra, alterando, portanto o rim e bexiga, coração e intestino delgado, pulmão e intestino grosso, pâncreas, baço e estômago, respectivamente. Os horários mais indicados para a eficácia deste floral são da quinze às dezenove horas, das onze às quinze horas, das três às sete horas ou das sete às onze horas (PAULON, 1991). A *Olive* é nativa dos países mediterrâneos. Seu fruto é a azeitona. Sua floração se dá de maio a junho (primavera) e a preparação mais indicada para a preparação do floral é através do método solar (PARONI e PARONI, 2003).

6.1.24 Pine, *Pinus sylvestris*, (nome popular: pinheiro silvestre, pinho silvestre), trata sentimento de culpa, restituindo a atitude positiva (GRAHAN e VLAMIS, 1999). Desequilibrando os movimentos do fogo e terra, alterando, portanto os meridianos como coração e intestino delgado e baço, pâncreas e estômago. Os horários mais indicados para sua utilização são da uma às quinze horas e das sete às onze horas (PAULON, 1991). Sua floração se dá em maio, início de junho e o método utilizado para a preparação do floral é através da fervura (PARONI e PARONI, 2003).

6.1.25 Red Chestnut, *Aesculus carnea*, (nome popular: castanheira vermelha), trata o medo, a preocupação excessiva com relação a outros animais ou pessoas e o comportamento super protetor; com este floral é possível restituir o animal dessa situação de emergência em que ele se encontra (GRAHAN e VLAMIS, 1999). Indicado também para animais

que sofrem de ansiedade ou medo de outros animais ou seres humanos. Encontram em desequilíbrio os movimentos relacionados ao metal e a terra, desequilíbrio o pulmão e intestino grosso, baço, pâncreas e estômago. Os horários mais indicados para sua utilização são das três às sete horas ou das sete às onze horas (PAULON, 1991). Sua floração se dá entre final de maio a começo de junho, sendo, portanto mais indicado o método da fervura (PARONI e PARONI, 2003).

6.1.26 *Rock Rose, Helianthemum nummularium*, (nome popular: girassol do campo, rosa rupestre), trata medo, pânico e terror absoluto, restituindo a coragem, a bravura e a calma (GRAHAN e VLAMIS, 1999). Este medo é transitório e causado por diversos motivos. É diferente do *Mimulus*, pois este é indicado para todos os medos conhecidos. O *Rock Rose*, também compõe o *Rescue Remedy* (HOWARD, 1992). Reajustam os movimentos como a água e a madeira, trazendo, portanto, o equilíbrio ao rim e bexiga, fígado e vesícula biliar. Seu horário de maior eficácia é das quinze às dezenove horas e das vinte e três as três horas (PAULON, 1991). Esta flor é conhecida como a flor do sol e sua floração se dá entre junho a setembro, sendo, portanto, indicado a preparação pelo método solar (PARONI e PARONI, 2003).

6.1.27 *Rock Water*, (nome popular: água da rocha, água da fonte), este, não se trata de uma essência floral e sim de água mineral ou água de poço. É conhecida pelo seu poder de cura, tratando rigidez, severidade e repressão. Em geral, traz flexibilidade, espontaneidade, maleabilidade e doçura ao animal (GRAHAN e VLAMIS, 1999). Restaura segundo Paulon (1991),

a água, a terra e o metal, equilibrando os meridianos correspondentes como rim e bexiga, baço, pâncreas e estômago, pulmão e intestino grosso. Os horários mais indicados para a utilização deste floral é das quinze horas as dezenove, das sete às onze horas ou das três às sete horas. Segundo a literatura, o ideal é que esta água seja coletada entre junho e julho e seja preparado a substancia através do método solar (PARONI e PARONI, 2003).

6.1.28 Scleranthus, Scleranthus annuus, (nome popular:

escleranto), trata a incerteza e o desequilíbrio, restituindo ambos (GRAHAN e VLAMIS, 1999). Este floral trata relações extremas como hiperatividade ou apatia, tristeza ou alegria. Restabelece movimentos em desequilíbrio como a terra, a água e o fogo, trazendo o equilíbrio aos meridianos correspondentes como baço, pâncreas e estômago, rim e bexiga, coração e intestino delgado. Os horários de melhor eficácia são das sete às onze horas, das quinze às dezenove horas ou das onze às quinze horas (PAULON, 1991). Esta planta foi a nona essência a ser descoberta, para fins medicinais. Ela é muito pequena, crescendo de forma rente ao chão e forma um emaranhado, pois não possui direção certa. Recebeu este nome por ser uma flor dura, rígida (*sclero*), com um formato de estrela de cinco pontas. Sua floração se dá de julho a setembro, sendo indicado, portanto o método solar para a obtenção do floral (PARONI e PARONI, 2003).

6.1.29 Star of Bethlehem, Ornithogalum umbellatum,

(nome popular: estrela de Belém, leite de galinha), trata as formas de choque mental, emocional ou físico, trazendo a

calma em níveis físico, emocional e mental (GRAHAN e VLAMIS, 1999). Também é um dos florais que compõe o *Rescue Remedy* (HOWARD, 1992). Atua nos movimentos como fogo, estabilizando coração e intestino delgado; água, estabilizando rim e bexiga; metal, reequilibrando pulmão e intestino grosso; e terra, trazendo o equilíbrio ao baço, pâncreas e estômago. Os horários mais indicados são das onze às dezenove horas, das três às onze horas (PAULON, 1991). Esta flor vem dos lírios, sua floração ocorre de abril a maio (primavera) e o método mais indicado para sua preparação é o da fervura (PARONI e PARONI, 2003).

6.1.30 *Sweet Chestnut, Castanea sativa*, (nome popular: castanha sativa, castanheiro da Europa), trata a angústia mental extrema, trazendo a perseverança e a resistência mesmo em meio à aflição (GRAHAN e VLAMIS, 1999). Semelhante ao *Agrimony*, mas de uma forma mais severa (HOWARD, 1992). Restabelece o movimento do fogo, do metal e da água e seus meridianos correspondentes como coração e intestino delgado, pulmão e intestino grosso e rim e bexiga. Haverá maior eficácia nos horários como das onze às dezenove horas (PAULON, 1991). Sua floração ocorre de junho a agosto e o método da fervura é o mais indicado para a preparação do floral (PARONI e PARONI, 2003).

6.1.31 *Vervain, Verbena officinalis*, (nome popular: verbana, erva de ferro), trata o entusiasmo ou esforço excessivo, trazendo a moderação (GRAHAN e VLAMIS, 1999). Em geral, são animais hiperativos, estão em grande atividade (HOWARD, 1992). Água, fogo e madeira são os elementos que se

encontraram em desequilíbrio, sendo correspondentes, os meridianos, que estariam alterados os rins e a bexiga, o fígado e a vesícula biliar, o coração e o intestino grosso. Os melhores horários para a administração do floral são das quinze às dezenove horas, das vinte e três as três horas ou das onze às quinze horas (PAULON, 1991). Sua floração se dá de julho a setembro (verão) e o método mais adequado para a preparação do floral é através do método solar (PARONI e PARONI, 2003).

6.1.32 *Vine, Vitis vinifera*, (nome popular: videira), trata temperamento dominador, intimidador e territorialista, trazendo à tona, qualidades positivas da liderança (GRAHAN e VLAMIS, 1999). Este floral não retirará o sentimento de liderança, mas ajudará no encontro do equilíbrio (HOWARD, 1992). Segundo Paulon (1991), os movimentos que estariam em desequilíbrio são a água, madeira e o fogo, relacionando, portanto rim e bexiga, fígado e vesícula biliar, coração e intestino delgado. Os horários de maior indicação para a sua utilização são das quinze às dezenove horas, das vinte e três as três horas ou das onze às quinze horas. Sua floração se dá em maio e o método mais adequado para a extração do floral é o solar (PARONI e PARONI, 2003).

6.1.33 *Walnut, Juglans regia*, (nome popular: noqueira), trata dificuldades de adaptação a novas circunstâncias, estimulando a capacidade de se adaptar a mudanças (GRAHAN e VLAMIS, 1999). Em geral, os movimentos correspondentes são o fogo e a água, alterando o coração e o intestino delgado, o rim e a bexiga. Para melhor atuação deste floral, os horários mais indicados para a administração da droga são das onze às

quinze horas ou das quinze às dezenove horas (PAULON, 1991). Seu fruto é a noz, comestível, que consumimos na época de Natal. Seu odor é característico graças a um óleo volátil, que é encontrado em suas folhas. Sua floração se dá de abril a maio (primavera) e o método mais indicado para a preparação do floral é o da fervura (PARONI e PARONI, 2003).

6.1.34 *Water Violet, Hottonia palustris*, (nome popular:

hottonia, violeta d água), trata comportamentos arredios e reservados, deixando o animal mais sociável (GRAHAN e VLAMIS, 1999). Restabelece o metal e a água, trazendo equilíbrio ao pulmão e ao intestino grosso, ao rim e a bexiga. Seu horário de melhor atuação seria das três às sete horas ou das quinze às dezenove horas (PAULON, 1991). Este floral provém de uma planta aquática, sendo justificado o nome *Water Violet*. São encontradas de maio a junho e a preparação mais indicada é através do método solar (PARONI e PARONI, 2003).

6.1.35 *White Chestnut, Aesculus hippocastanum*, (nome

popular: castanheira branca, castanheira da índia), trata preocupação (humanos), insônia, restituindo a capacidade de se aquietar (GRAHAN e VLAMIS, 1999), trazendo os movimento que encontram-se desequilibrados ao equilíbrio. São eles: a água, terra e fogo, conseqüentemente, aos meridianos como os rim e a bexiga, o baço, o pâncreas e o estômago, o coração e o intestino delgado. Para ter uma atuação mais precisa os horários mais indicados são das quinze às dezenove horas, das sete às onze horas ou das onze às quinze horas (PAULON, 1991). Seu fruto é uma castanha,

não comestível, de gosto amargo e muito usado para ração de cavalos. Sua floração se dá no fim de maio, início de junho e o método solar é o mais indicado para a preparação deste floral (PARONI e PARONI, 2003).

6.1.36 *Wild Oat, Bromus ramosus*, (nome popular: aveia silvestre), trata a falta de direção do animal (GRAHAN e VLAMIS, 1999), a falta de entusiasmo (HOWARD, 1992). Para Paulon (1991), os movimentos que estão em desequilíbrio são terra e água, trazendo, portanto, alterações no baço, no pâncreas e no estômago, no rim e na bexiga. O horário mais indicado para a utilização deste floral é das sete às onze horas ou das quinze às dezenove horas. Provém de uma gramínea encontrada em bosques, cerrados, beira de estrada, crescendo em tufos. Sua floração se dá entre julho e agosto e a preparação ideal é através do método solar (PARONI e PARONI, 2003).

6.1.37 *Wild Rose, Rosa canina*, (nome popular: rosa silvestre), trata resignação e apatia, restituindo a força vital e a vontade de viver (GRAHAN e VLAMIS, 1999). *Wild Rose* traz o reequilíbrio dos movimentos relacionados à água e ao fogo, restabelecendo rim e bexiga, coração e intestino delgado. Os melhores horários para a utilização deste floral são das quinze horas as dezenove ou das onze às quinze horas (PAULON, 1991). A *Wild Rose* é a rosa nativa da Inglaterra. Cresce em beira de caminhos, cercas e bosques. Sua altura chega a até um metro e cinquenta centímetros. Sua floração ocorre de junho a agosto e o método de preparação mais indicado é da fervura (PARONI e PARONI, 2003).

6.1.38 Willow, *Salix vitellina*, (nome popular: salgueiro), trata o mau humor, restituindo, assim, o bom humor (GRAHAN e VLAMIS, 1999). Os movimentos em desequilíbrio são o fogo, desequilibrando coração e intestino delgado, e a terra, desequilibrando baço, pâncreas e estômago. Os horários mais indicados para sua utilização são da onze às quinze horas ou das sete às onze horas (PAULON, 1991). Sua árvore é muito flexível e cresce as margens de rios e riachos. Sua floração ocorre no final de abril e no início de maio. O método mais indicado para a preparação do floral é o de fervura (PARONI e PARONI, 2003).

6.2.1 Rescue Remedy é o Floral Emergencial, ou seja, para qualquer situação de emergência, como pânico ou choque emocional. Contém cinco essências das trinta e oito já citadas: *Clematis, Rock Rose, Impatiens, Cherry Plum e Star of Bethlehem*. Este floral poderá ser associado com mais cinco flores e trará a calma, o equilíbrio ao animal, podendo ainda ser utilizado após crises convulsivas, cirurgias e cicatrização de feridas (PINTO, 2008). Para os animais é o mais indicado, pois as situações de choque emocional, terror, mal estar estão bem presentes em alguns, principalmente em abrigos coletivos (HOWARD, 1992).

7 Classificação dos trinta e oito florais conforme os sete

grupos

Segundo Howard (1990), os florais de Bach foram divididos em sete grupos. Nestes grupos, encontram-se agrupadas as flores indicadas para os sinais descritos.

Medo - *Rock Rose, Mimulus, Cherry Plum, Aspen, Red Chestnut.*

Incerteza – *Cerato, Scleranthus, Gentian, Gorse, Hornebeam, Wild Oat.*

Falta de interesse - *Clematis, Honeysuckle, Wild Rose, Olive, White Chestnut, Mustard, Chestnut Bud.*

Solidão - *Water Violet, Impatiens, Heather.*

Desanimados – *Agrimony, Centaury, Walnut, Holly.*

Desespero – *Larch, Pine, Elm, Sweet Chestnut, Star of Bethlehem, Willow, Oak, Crab Apple.*

Preocupação excessiva com o bem-estar de terceiros - *Chicory, Vervain, Vine, Beech, Rock Water.*

8 Conservação do fármaco

A conservação do medicamento dependerá de uma série de fatores. Os frascos devem ser bem fechados, mantidos longe de outros medicamentos, calor, luz, umidade ou aromas e também devem ser mantidos distantes de aparelhos que emitam ondas eletromagnéticas, como televisão, equipamentos de som, celulares, computadores, ar condicionado ou forno de microondas. Sua validade é de trinta dias, podendo chegar a noventa dias em regiões mais frias e com o uso de *brandy*. Para a utilização de outros conservantes o tempo de validade sofrerá variações (TLACH, 2008).

9 Aplicações e efeito do tratamento

O método de aplicação mais eficaz dependerá da espécie. Por exemplo, nas aves o mais indicado é administrar na água de beber, bem como nos cães. A dose padrão para qualquer espécie é quatro gotas, duas vezes ao dia. Em casos emergenciais, a aplicação mais indicada é diretamente na cavidade oral. Podem ser utilizados também, compressa sobre hematomas, *sprays* a serem borrifado no ambiente, torrão de açúcar para serem colocados na água, banhos ou diretamente na comida (GRAHAN e VLAMIS, 1999).

Os animais respondem com rapidez às essências corretas, as quais são selecionadas mediante o relato do tratador com relação ao comportamento não considerado normal, do animal. Os efeitos dependerão das situações nas quais o animal se encontra, da personalidade do animal e da administração correta. A resposta ao tratamento poderá ser de uma semana a trinta dias (GRAHAN e VLAMIS, 1999).

10 Comportamento Animal

Os cães vivem em uma estrutura de matilha. Esta matilha possui um líder. Esse comportamento segue resquícios dos seus ascendentes, os lobos. Um cão em um ambiente sempre procurará por um líder; se não houver, ele assumirá este papel como chefe da matilha. Na psicologia experimental o animal dominante é chamado de animal Alfa e os demais, os subordinados, de animal Beta (PEREIRA, 2008).

O conceito de dominância reflete uma relação entre dois indivíduos, que

interagem entre si. O cão Alfa, para se impor, produz a maior parte das comunicações e agressões manifestadas entre ambos os animais. Uma vez estabelecidas às posições hierárquicas, a agressividade deixa de estar presente. O estresse passa a ser mais frequente nos indivíduos de menor nível hierárquico, pois estarão em constante luta por uma valorização do seu posto na hierarquia, cabendo ao cão alfa tranquilizar o resto da matilha (PEREIRA, 2008).

Segundo o Aurélio e Ferreira (1986), comportamento “é a maneira de se comportar ou de se conduzir”. É um conjunto de ações de um indivíduo, no caso animal, que observáveis objetivamente. Segundo a psicologia experimental, o comportamento pode ser obtido decorrente a um estímulo.

O comportamento animal é o resultado da interação dos sentidos, do sistema nervoso, dos músculo-esquelético e de outras partes do corpo, fazendo com que qualquer alteração resulte em um comportamento (DAWKINS, 1994).

Para Manning (1977), o comportamento pode ter alterações tanto fisiológica quanto psicologicamente, ou seja, para aqueles que explicam o primeiro comportamento seria das alterações relacionadas ao funcionamento do sistema nervoso, já no caso das alterações psicológicas, haveria influências ambientais que influenciariam no comportamento expressado pelo animal. Sendo que o comportamento abrange as percepções interna e externa de mudanças corporais que o animal apresenta e responde a elas.

Em geral o comportamento de um animal é adaptativo; isso ocorre ou por aprendizado ou por instinto. Os estímulos externos de um animal influenciam no comportamento e influenciarão em uma resposta

(MANNING, 1977).

10.2 Problemas comportamentais

Dos problemas comportamentais, há dois grupos; o dos animais hiperativos, ou seja, daqueles animais que têm um comportamento acelerado, não param quietos, querem chamar atenção a todo o momento, buscam objetos para os proprietários, destroem móveis, choramingam e latem, (ROSSI, 2004); e o grupo dos que se encontram em depressão, demonstrando sinais como inabilidade em executar funções biológicas, falta de apetite, apatia, isolamento social, levando o cão à diminuição da interação e não demonstrando interesse por atividades que antes eram estimulantes para ele, como passeios ou brincadeiras. (BURNIER, 2005).

Há vários distúrbios comportamentais que estão relacionados ao animal, como exemplo: agressão, ansiedade de separação, apetite depravado, ou seja, apetite por coisas não normais, ato de cavar compulsivamente, busca por atenção, comportamento destrutivo, arranhar ou morder objetos pessoais, coprofagia, demarcação territorial, apresenta dermatite acral provocada por lambedura excessiva, disfunção cognitiva, fobia a barulhos, hiperatividade, transtornos compulsivos e sons como uivos ou latidos excessivos (HORWITZ e NEILSON, 2008).

10.2.1.1 Agressividade

Há diversos tipos de agressividade em um animal, seja por medo, dominância, transferência de local, ambiente diferente, problemas físicos ou neurológicos (ROSSI, 2002) ou até genéticos. Segundo

Millan (2007), a Fundação Nacional de Pesquisa Canina, em 2005 registrou muitos casos fatais envolvendo cães de raças como Pit Bull, *Rottweiler*, Pastor alemão, *Chow chow*, Labrador e híbridos de lobos, mas isso não significa que todo animal das raças citadas terão propensão à agressividade, pois independente da raça, pode haver demonstração de tal comportamento segundo a situação em que o animal se encontra.

A agressão é uma ameaça ou uma ação que lesiona a outros. Em geral a agressão é causada por defesa do animal ou por ele se sentir na ofensiva. A primeira é de um indivíduo a outro, como uma ameaça; em geral essa agressão ocorre por medo, ou por conflito, defesa de território, proteção ou dor. Já no segundo caso, é uma tentativa de conseguir alguma vantagem à custa de outro animal, como exemplo, dominância (*status social*), agressão entre machos ou fêmeas, ou até agressão predatória (HORWITZ e NEILSON, 2008).

Este tipo de comportamento, agressivo, é algo normal entre os cães, mas frente a uma situação de medo, por exemplo, pode ser algo anormal. A área do cérebro que esta envolvida em situações de agressão é o hipotálamo, o sistema límbico e o córtex frontal. Caso haja um aumento das concentrações de serotonina cerebral, pode desencadear-se uma reação para tal comportamento (HORWITZ e NEILSON, 2008). A serotonina é um neurotransmissor central que influencia na dor, na agressão, no comportamento sexual, na termorregulação, na ingestão de alimento, no sono e na motilidade intestinal, e esse núcleo serotoninérgico tem projeções para o córtex frontal, o qual pode regular o humor, para o gânglio basal, o qual pode controlar os movimentos e comportamentos compulsivos, e

para a área límbica, a qual envolve a ansiedade e o pânico (TELHADO, *et. al*, 2004).

Há alguns fatores que contribuem para esse comportamento agressivo, como carência de socialização, experiência negativa ou traumática, animal que permanece por muito tempo acorrentado, animal não castrado, animais que são adestrados para tal atitude, cães de linhagem agressiva e que são estimulados para tal comportamento, alguns aspectos fisiológicos como dor, irritabilidade, desconforto ou problemas neurológicos como hidrocefalia, problemas neuroendócrinos, como hipotireoidismo, embora os animais tendem a ficar apáticos (HORWITZ e NEILSON, 2008) e encefalopatia hepática, também conhecida como *shunts* hepático, que ocorre quando as comunicações valvulares desviam o sangue da circulação portal, diretamente para a circulação sistêmica sem a passagem pelo fígado (DANJOU, *et al*, 2004; BRUM, *et al*, 2007).

10.2.1.2 Agressão alimentar ou predatória

Tal comportamento é tido como normal se estiver dentro dos limites. Esse tipo de agressão, em geral está relacionado a alimentos, vasilhas de comida e há relação à sobrevivência do animal como se este estivesse em vida livre. Os comportamentos demonstrados são rosnados, latidos, avanços ou mordidas propriamente ditas (HORWITZ e NEILSON, 2008).

O comportamento predatório que alguns cães possuem como o ataque, a perseguição e a mordedura, somente termina quando a presa não apresentar mais movimentação, indicando possível fuga, ou quando o estímulo não for forte o suficiente para desencadear o

comportamento. Os cães de modo geral, formam matilhas e caçam animais silvestres, principalmente se forem de vida livre. Com esse comportamento, as crianças são as principais vítimas dos ataques de animais, pois para o cão, a interpretação é que ele está vendo uma possível presa. Esse tipo de comportamento varia com a raça, com criação e com o temperamento individual (LANTZMAN, 2009).

10.2.1.3 Agressão a humanos e ou a animais

A agressão pode ser tanto a seres humanos quanto a outros animais (ROCHA, 2008). Aos humanos ocorre por proteção territorial, medo ou até ansiedade. Não está relacionado com dominância. Alguns itens contribuem com esse comportamento, entre eles, falta de socialização do animal com diferentes tipos de pessoas, experiências traumáticas ou reforço para tal comportamento. Já no caso do comportamento agressivo a outros cães, relaciona ao medo, territorialidade ou *status* social (HORWITZ e NEILSON, 2008).

10.2.1.4 Agressão por medo

A situação de ameaça para um cão pode levar à agressão por medo. Esse tipo de comportamento leva o animal, a ter uma postura corporal e expressões faciais características, como cabeça baixa, orelha para trás, cauda entre as pernas (HORWITZ e NEILSON, 2008). Cães que apresentam esse distúrbio comportamental são muito ansiosos, não pedem por carinho e preferem ficar isolados.

10.2.1.5 Agressão territorial

Este tipo de comportamento ocorre com humanos ou com animais que não fazem parte da família e que entram em uma área na qual outro cão estipulou ser seu território. Essa área pode ser um jardim, a casa, uma cama ou qualquer outro lugar onde o cão se sinta seguro (HORWITZ e NEILSON, 2008).

10.2.1.6 Ansiedade generalizada

A ansiedade do animal leva a reações fisiológicas associadas ao medo. O animal não consegue relaxar e à menor mudança demonstra reações extremas. Fatores como raça, experiência de socialização precoce, experiências negativas e falta de exposição a estímulos contribuem com tal comportamento (HORWITZ e NEILSON, 2008).

Os sinais clássicos de um animal agressivo podem ser vistos como piloereção, ou seja, pelos arrepiados, dentes à mostra, encarar a presa de frente, abanar somente a ponta da cauda, manter as orelhas eretas ou totalmente abaixadas ou orelhas eretas para frente, cauda elevada e reta e contato visual prolongado (LANTZMAN, 2009).

10.2.1.7 Ansiedade de separação

A ansiedade de separação é uma resposta de mal estar, que um cão sente quando separado de seu “dono” ou da pessoa que ele é mais apegado (HORWITZ e NEILSON, 2008).

Alguns eventos traumáticos podem levar o animal a desencadear

tal comportamento, como por exemplo, separação precoce da mãe, privação prematura de laços com a ninhada, muito comum com filhote de cães mantidos em lojas ou abrigos para animais, em uma mudança súbita de ambiente, como exemplo, casa nova ou um canil, a adição de um novo membro à família, seja ele animal ou humano, entre outros. Não há predisposição sexual ou por raça. Cães mantidos em canis de adoção têm uma predisposição maior a esse tipo de ansiedade (LANTZMAN, 2009).

Os cães podem demonstrar vários sinais como: aumentar as atividades, ficar choramingando, ganindo, solicitando atenção, ficar pulando e seguindo o proprietário ou a pessoa de maior afinidade. Alguns podem tremer ou demonstrar agressão e há animais que entram em um quadro depressivo, sem comer ou beber, permanecendo deitados. Após a saída da pessoa é comum os animais demonstrarem sinais como arranhar, cavar e mastigar portas e janelas na tentativa de seguir seu proprietário ou objetos domésticos ou pessoais como livros, móveis, fios, paredes, roupas ou qualquer outro que esteja ao seu alcance. Outros urinam e defecam em locais não aceitáveis (LANTZMAN, 2009).

Esse problema comportamental tem tido um aumento considerável e com todo estímulo fisiológico que o animal sofre como adrenérgico e noradrenérgico, pode levar a alterações gastrointestinais (vômito), cardíacos (taquicardia), respiratórios (dispnéia) ou até automutilação (morder e lamber as patas ou outra parte de corpo) (HORWITZ e NEILSON, 2008).

10.2.1.8 Apetite depravado

O apetite depravado é aquele que ocorre pela ingestão de coisas não alimentícias, como exemplo, ingestão de pedra, tecido, fezes (coprofagia), areia. Tal comportamento pode ocorrer por anemia, doenças gastrointestinais levando à má digestão, má absorção ou problemas hepáticos como, por exemplo, o *Shun*, mas com relação à área comportamental, o animal pode estar sofrendo de transtorno compulsivo, causado por ansiedade ou estresse (HORWITZ e NEILSON, 2008).

10.2.1.9 Ato de cavar compulsivamente

Esse comportamento é inato e normal dos cães e pode se manifestar desde uma simples brincadeira ou por distúrbio causado por ansiedade. Qualquer animal pode desenvolver esse distúrbio. Em geral, os animais mais jovens ou cães de raça *terries*, ou *hound* como os *dachshund*, são mais propensos a desenvolver tal comportamento. A falta de exercício falta de enriquecimento ambiental, ansiedade de separação, são alguns exemplos que podem levar ao desenvolvimento do comportamento (HORWITZ e NEILSON, 2008).

10.2.1.10 Dermatite acral por lambedura excessiva

Este tipo de comportamento ocorre por excesso de lambedura, principalmente nos membros torácicos e pélvicos, na região cárpica e metacárpica, levando a ferimentos. Isto pode ser causado por medo, ansiedade, agressões, limitação de atividades ou estresse. Antigamente tal comportamento era visto somente em cães de

grande porte, mas atualmente pode ser visto em qualquer porte, idade ou raça. Algumas alterações físicas podem levar ao excesso de lambedura como artrites, reações alérgicas, infecções. Descartando problemas patológicos tem-se o comportamento por transtorno compulsivo ou busca por atenção (HORWITZ e NEILSON, 2008).

10.2.1.11 Fobias de barulhos, de tempestade, de fogos e de ambientes externos

A fobia é uma resposta imediata a uma situação anormal, que resulta em um comportamento de medo extremo. Muitas reações de medo são aprendidas e podem ser desaprendidas com exposições graduais, já as fobias são definidas como reações de medo desenvolvidas rapidamente e profundamente e que não são retiradas com exposições graduais a tal situação que gerou a fobia. Uma vez que o evento tenha sido experimentado, qualquer evento associado a ele ou à memória dele é suficiente para gerar a resposta no animal (LANTZMAN, 2009).

Quando o animal encontra-se na situação de medo, o sistema nervoso autônomo é ativado dando o início à liberação de hormônio epinefrina (adrenalina), o qual é liberado a partir da adrenal, ativando, portanto o sistema de “luta ou fuga” como já descrito anteriormente. Quando esse sistema é ativado, desenvolvem-se alterações em outras áreas do organismo animal como a área cardiovascular, levando à taquicardia, o endócrino, levando à alteração no eixo hipotálamo/pituitário/adrenal, com a liberação de glicocorticóides e aumento de glicose na corrente sanguínea, alterações gastrointestinais, resultando em salivação intensa,

vômito, diarreia, tenesmo ou hematoquezia e resposta ao sistema nervoso, as pupilas entram em midríase (HORWITZ e NEILSON, 2008).

Com relação ao comportamento, o animal entra em estado de hipervigilância, agressão frente à manipulação ou tentativa de contenção. Algumas alterações podem desenvolver tais fobias como, por exemplo, a atrofia em uma área do cérebro, em especial no hipocampo ou até anormalidades de neurotransmissores como serotonina, norepinefrina ou ácido gama amino-butílico (GABA), sendo este o principal neurotransmissor do sistema nervoso central. Não podemos esquecer que a exposição inadequada a barulhos na fase de desenvolvimento da vida do animal também contribui para tais fobias futuras (HORWITZ e NEILSON, 2008).

O animal nesta situação de medo excessivo demonstrará sinais como, salivação intensa ou defecação, micção, latido, tremor, tentativa de fuga, aumento ou diminuição da locomoção, vômito, ou procurará um local para se esconder. Devemos descartar doenças gastrointestinais, parasitárias ou endocrinopatia que demonstram alguns sinais semelhantes aos descritos acima (HORWITZ e NEILSON, 2008).

10.2.1.12 Hiperatividade

A hiperatividade ou a excitabilidade do animal não é visto como

alteração fisiológica por alguns médicos veterinários, mas um comportamento normal, típico de algumas raças ou idades (jovens). Outros acreditam que este comportamento ocorre por alterações no sistema dopaminérgico ou serotoninérgico ou até mesmo no sistema adrenérgico. Quando há o excesso de atividade, há teorias de que não haja estímulos físicos ou mentais adequados para que o animal fique na condição comportamental normal. Em geral o animal demonstrará sinais como aumento dos batimentos cardíacos e respiratórios, salivação intensa, agitação, latidos excessivos (HORWITZ e NEILSON, 2008).

10.2.1.13 Latidos excessivos ou uivos

Os animais latem ou uivam por diversas razões é um comportamento normal de comunicação entre eles. Com este comportamento, demonstram domínio de território, chamam a atenção ou demonstram ansiedade. Ocorre latido excessivo frente a um encontro com outro animal, seja ele agressivo ou não, ou quando o animal está sentindo dor. Este comportamento tende a se tornar excessivo quando não há regras para o animal ou quando ele não consegue compreender aquilo que lhe está sendo ensinado (HORWITZ e NEILSON, 2008).

11 Definição e tipo de problemas em abrigos coletivos

Um abrigo coletivo para animais é um local que aloja diversos cães que

em geral são animais errantes, capturados ou abandonados.

Dos muitos problemas encontrados nesses abrigos coletivos, podemos citar alguns como: superpopulação, falta de recursos, alimentação não balanceada, falta de atendimento veterinário, abandono de cães por seus “donos”, entre outros.

Em estes abrigos há animais de todos os tipos. Para melhor aplicação desta proposta serão separados em dois grupos: dos animais hiperativos, que demonstram sinais como agressividade, competição, liderança e domínio, e dos hipoativos, demonstrando sinais de obediência, submissão ou medo.

12 Aplicação da proposta, para tratamento de alterações comportamentais, em animais mantidos em abrigos coletivos

A proposta de tratamento comportamental em animais de abrigo coletivo, com a utilização da terapia complementar com o uso de florais terá duração de trinta dias. Após o início da terapia seriam analisadas características comportamentais de cem animais mantidos, em uma associação, seria administrado o floral de Bach, com o objetivo de trazê-los ao equilíbrio do comportamento considerado fora do normal, avaliando, assim, a eficácia da fitoterapia no comportamento dos animais, visando o bem estar de cada um e trazendo o uma condição de menor estresse.

13 Discussão

A terapia com florais, durante muito tempo, não teve grande aceitação por

muitos proprietários e médicos veterinários, mas isso tem mudado. Atualmente essa fitoterapia está sendo muito solicitada para corrigir problemas comportamentais, para complementar uma droga alopata ou até mesmo homeopata.

O vínculo entre seres humanos e animais está cada vez mais forte e isso parece muito saudável para nós, mas para os animais pode não ser, a ponto de desencadear comportamentos não aceitáveis pelos humanos e até mesmo alterações físicas como, por exemplo, gastrointestinais.

Muitos animais são abandonados em ONGs, ruas, centros de controle de zoonoses, clínicas veterinárias por terem um comportamento inadequado que muitas vezes foi causado pelos próprios humanos ou não corrigido no momento certo e da forma correta. Cabe aos médicos veterinários intervir nesses problemas e permitir que os animais tenham uma vida com o menor estresse possível.

Em alguns abrigos coletivos o uso de florais para o tratamento de alterações comportamentais é crescente. Segundo relatos da proprietária do Canil Pombos, Pombos (2009), localizado em Curitiba, o resultado apresentado após o uso de florais específico para diminuir o estresse dos cães e para a adaptação às mudanças tiveram resultados satisfatórios. Já para a Franchini (2009), o uso do floral, além de eficaz, tem ação em aproximadamente três dias.

Os florais irão atuar de várias formas para tratar diversas alterações, entre estas, comportamentais. As literaturas existentes descrevem os sentimentos humanos e transcrevem esses sentimentos para os animais, que muitas vezes, não condiz com o normal e característico da espécie, como exemplo, a essência *Willow*, indicado para combater o rancor que é

um sentimento humano e não animal, ou o desejo de fazer o mal, o que não ocorre na espécie canina e outros sentimentos citados, como por exemplo, animais cruéis (*Holly*). Com isto, ocorre um *déficit* de informações, pois esta falta de artigos científicos que traduzam estes

sentimentos para a linguagem animal leva a uma divergência nas informações literárias existentes.

O uso da fitoterapia através dos florais de Bach, descrito neste trabalho pode ser indicado para o tratamento de alterações comportamentais em cães de abrigos coletivos, mas devido à preocupação quanto à confirmação científica e não apenas a coincidência da melhora do estado do animal. Indicamos a aplicação desta proposta, tendo assim uma análise dos parâmetros obtidos durante o período descrito para a aplicação.

REFERENCIAS

ALONSO, R. J. **Tratado de Fitomedicina: Bases Clínicas y Farmacológicas**. Buenos

Aires, ISIS Ediciones S. R. L, 1998.

ANDRADE, L. **Manual Básico de Florais de Bach.** Disponível em: <http://www.sytonia.com/textos/textossaude/textosflorais/manualdeleonardo.htm>. Acesso em: 23 fev. 2009.

AURÉLIO, B. H. F., FERREIRA, H. **Dicionário da Língua Portuguesa Aurélio.** Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1986.

BREAZILE, J.E. **Physiologic basic and consequences of distress in animal.** Journal of the American Veterinary Medical Association. Scaumburg, 1987.

BRENDLER, M. **História dos Florais.** Disponível em: www.floraisdobem.com.br/historia.htm. Acesso em: 31 out. 2008.

BROOM, D.M. **Indicators of poor welfare.** British Veterinary Journal, London, v.142, p.524-526, 1986.

BROOM, D. M., MOLENTO, C. F. M. **Bem-Estar animal: Conceito e Questões Relacionadas - Revisão.** Archives of Veterinary Science v. 9, n. 2, p. 1-11, 2004.

BRUM, A.M.; CHAMPION, T.; ZANATTA, R. et al. **Utilização de probiótico e de lactulose no controle de hiperamonemia causada por desvio vascular portossistêmico congênito em um cão.** Ciência Rural, v.37, p.572-574, 2007.

BURNIER, R. **Depressão Animal.** 2008. Disponível em: <http://www.vetmovel.com.br/index.php>. Acesso em: 11 out. 2009.

CANNON, W. B. **The Wisdom of the Body.** New York. Norton. 1939.

DAWKINS, M. S. **Compreender o Comportamento Animal.** Lisboa, 1994.

DANJOU, M.A.; PENNINGCK, D.; CORNEJO, L. et al. **Ultrasonographic diagnosis of portosystemic shunting in dogs and cats.** Vet. Radiol., v.45, p.424-437, 2004.

Essência Floral. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ess%C3%Aancia_floral>
Acesso em: 20 fev. 2009.

FAWC - Farm Animal Welfare Council. **Second Report on Priorities for Research and Development in Farm Animal Welfare.** Reino Unido, 1993.

FOLLAIN, M. **Florais de Bach para Animais.** Disponível em: www.floraisecia.com.br .
Acesso em: 31 out. 2008.

FOLLAIN, M. **Grupo da hipersensibilidade às influencias e idéias externas.**
Disponível em: www.greepet.vet.br. Acesso em: 23 out. 2009.

FOLLAIN, M. **Homeopatia, Veterinária e os Florais de Bach.** Disponível em:
www.greepet.vet.br .Acesso em: 31 out. 2008.

FOWLER, M.E. **Stress. In: Zoo & wild animal medicine.** 2ª edição. Philadelphia: W.B. Saunder Company, 1986.

FRANCHINI, C. **Florais atenuam males de fundo emocional nos animais.** 2009. Disponível em:
<http://www.anda.jor.br/?p=27998>. Acesso em: 7 nov. 2009.

GRAHAN, H. e VLAMIS, G. **Remédios Florais de Bach para animais.** São Paulo, Editora Pensamento, 1999.

HARRISON, R. **Animal Machines - The New Factory Farming Industry.** London. Vincent Stuart Publishers Ltd.1964.

HART, B. L. **The Behaviour of Domestic Animals.** New York. W. H. Freeman and

Company. 1985.

HORWITZ, D., NEILSON, J. C. **Blackwell – Consulta Veterinária em 5 minutos, Comportamento Canino & Felino.** Porto Alegre, 2008.

HOWARD, J. **Os Remédios Florais do Dr. Bach Passo a Passo – Guia Completo.** São Paulo, Editora Pensamento, 1990.

HOWARD, J. **Os Remédios Florais do Dr. Bach Passo a Passo.** 5ª Edição. São Paulo, Editora Pensamento, 1990.

LANTZMAN, M. Agressão Canina. Disponível em: <http://www.pet.vet.br/agressao.html>. Acesso em: 23 out. 2009.

LORENZI, H; MATOS, F. J. A. **Plantas Medicinais no Brasil: Nativas e Exóticas.** Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum, 2002.

MANNING, A. **Introdução ao Comportamento Animal.** São Paulo, Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1977.

MARQUES, A. **Florais de Sant Germain para uso veterinário.** Disponível em: www.adeildemarques.jor.br/floraisanimais.htm. Acesso em: 01 nov. 2008.

MARGONARI, N. **Florais de Saint Germain – Repertório Dicionário.** 5ª Edição. São Paulo, 1999.

MÁXIMO, S. **A história das Essências Florais.** Disponível em: www.ruas.com.br/florais/historia.htm. Acesso em: 31 out. 2008.

MILLAN, C. **O Encantador de Cães Compreenda o melhor amigo do homem.**

Campinas, Verus Editora, 2007.

NAIFF, N. **Florais do Mundo**. Rio de Janeiro, Editora Nova Era, 1999.

PACHALY, J.R. et al. *Estresse por captura e contenção em animais selvagens*. A hora Veterinária, Porto Alegre, 1993.

PARONI, M. e PARONI, C. *Aprenda a ser feliz com os Florais de Bach – Manual prático e com foto das flores do Dr. Bach*. São Paulo, Camara Brasileira do Livro, 2003.

PASTORINO, M. L. **A medicina floral de Edward Bach**. São Paulo, Editora Hamburg, 1992.

PAULON, E. *Florais de Bach & Acupuntura – Guia Prático para Clínica*. Rio de Janeiro, Editora Arte & Cultura e Livraria LTDA, 1991.

PEREIRA, S. **Os canídeos - Grupos e matilha - Organização hierárquica**. Revista Cães e Companhia. Número 128. São Paulo, 2008.

PINTO, J. **Florais para Cães Tratando o Comportamento Animal com os Florais de Bach**. São Paulo, Butterfly Editora LTDA, 2008.

POMBOS, L. **Florais de Bach**. Canil Pombos Curitiba. Disponível em: <http://canilpombos.blogspot.com/2009/04/florais-de-bach.html>. Acesso em: 04 nov. 2009.

ROCHA, D. **Distúrbios Comportamentais relacionados à idade**. 2008. Disponível em: <http://www.faunabrasil.com.br/sistema/modules/wfsection/article.php?articleid=134>. Acesso em: 11 out. 2009.

RODRIGUES, Â. G.; SANTOS, M. G.; AMARAL, A. C. F. **A Fitoterapia no SUS e o Programa de Pesquisas de Plantas Medicinais da Central de Medicamentos.** Ministério da Saúde. Secretaria de Ciências, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Assistência Farmacêutica. Brasília, 2006. 147p.

ROSSI, A. **Como lidar com o cão hiperativo.** Revista Cães & Cia. Número 305. São Paulo, 2004.

ROSSI, A. **Adestramento Inteligente, com amor, humor e bom senso.** 8ª edição. São Paulo, CMS Editora, 2002.

SELYE, H. **Stress and the General Adaptation Syndrome.** British Medical Journal. London. 1950.

SPADA, E. **Florais de Bach Bibliografia.** Disponível em: <http://floraisdebachprofessoredino.blogspot.com/2009/11/bacha-biografia.html>. Acesso em 27 dez. 2009.

SPALATO, A.; MARCO, R. Animal tem alma? **Revista Brasileira de Terapia Floral.** Ano XI, número 58, São Paulo, 2005

STEIN, D. **A Cura Natural para Cães e gatos.** Editora Ground Ltda., São Paulo, 1998.

TEIXEIRA, H. **Holismo e Medicina.** 2001. Disponível em: <http://www.espacoalternativogbi.com.br/espaco/materias/terapiaholistica/index.php>. Acesso em: 20 fev. 2009.

TELHADO, J., DIELE, C. A., SOUZA, M. A. F., MAGALHÃES, L. M. V., CAMPOS, F. L. **Dois casos de transtorno compulsivo em cão.** Revista da FZVA, v.11, n.1, p. 146-152. Uruguaiana, 2004.

Terapia Floral. Disponível em: <http://www.portalangels.com/terapia_floral.htm>.
Acesso em: 01 nov. 2008.

TLACH, J. K. **Essência Floral.** 2008. Disponível em: http://encyclopedia-pt.snyke.com/articles/essencias_florais.html; Acesso em 24 fev. 2009.

REFERENCIA DE IMAGENS

Design by Kamar's. Disponível em: <<http://brasafort.com/naturacenter/indecisao.htm>>,
Acesso em: 08 out. 2009.